



4345 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

O que educadores/as em formação dizem sobre gênero, sexualidade e diversidade?

Jeanne Félix da Silva - UFPB - Universidade Federal da Paraíba  
Ana Carolina Alves de Lima - UFPB - Universidade Federal da Paraíba  
Lidiane Pinheiro Ferreira - UFPB - Universidade Federal da Paraíba  
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq/UFPB

## RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi investigar o que estudantes de Pedagogia, Pedagogia do Campo e Psicopedagogia dizem sobre a abordagem de gênero, sexualidade e diversidade nas escolas. A produção do material empírico se deu a partir da aplicação de questionário com estudantes dos respectivos cursos. Os resultados sinalizam que os/as estudantes reforçam noções do senso comum em relação aos temas estudados e veem a escola como espaço adequado para abordá-los.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Diversidade.

## 1. Introdução

Estamos vivenciando o crescimento de grande conservadorismo político em diversos partes do mundo. No Brasil, um dos principais argumentos para sustentar tal movimento conservador seria a necessidade da retomada, pela sociedade, de valores morais que estariam supostamente sendo ameaçados por políticas de respeito e valorização da diversidade e da diferença, especialmente no que tange às questões de gênero e sexualidade. A alegação de grupos conservadores implicados, principalmente, em retirar das escolas a abordagem educativa dos temas mencionados seria a de que estaríamos vivendo uma suposta "ideologia de gênero". Cabe destacar que esse termo vem sendo propositalmente utilizado de modo equivocado com finalidade de promover uma confusão conceitual que visa deslegitimar estudos, pesquisas e conquistas no âmbito dos estudos de gênero e sexualidade, nos quais esse termo não é utilizado (REIS & EGGERT, 2017; MILKOLCI & CAMPANA, 2017).

Na educação, desde 2010, temos sido testemunhas das diversas disputas em torno da (não) abordagem de gênero, sexualidade e diversidade nas escolas, com forte enfraquecimento nas políticas educacionais de âmbito nacional, o que acaba repercutindo nas escolas. Para ilustrar, citamos as versões finais do Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 (BRASIL, 2014) e da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) nos quais, respectivamente, as questões de gênero e sexualidade foram suprimidas ou transformadas em temas genéricos circunscritos à biologia, todavia, vale salientar que, em versões preliminares, ainda que discretamente, ambos documentos contemplavam os temas gênero e sexualidade.

Este trabalho está situado no campo dos Estudos Culturais da Educação, para o qual a cultura, compreendida como território que busca produzir sentidos em torno formas possíveis formas de ser e estar em um mundo cada vez mais fluido, é o principal eixo de análise (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003). É nesse campo teórico que situam-se, na pesquisa, os conceitos de gênero, sexualidade e diversidade, conforme destacamos a seguir.

Tomamos, neste texto, gênero como uma construção social, cultural, política e pedagógica que problematiza a naturalização da desigualdade entre homens e mulheres, por meio de relações desiguais de poder (LOURO, 1997). Nesse sentido, assumimos, a partir de Meyer (2004, p. 13), que o conceito de gênero é uma "ferramenta teórico-metodológica e política para problematizar e intervir nos processos que instituem e sustentam desigualdades sociais entre homens e mulheres e autorizam formas de subordinação feminina". Também compreendemos a sexualidade como uma construção social, que se refere às diversas formas de expressar e canalizar os desejos afetivos e sexuais, por meio de diferentes formas de experimentação do sexo, da afetividade e do envolvimento entre pessoas do mesmo sexo ou de sexo diferente.

De acordo com Weeks (2001), a sexualidade se expressa em nossas crenças, ideologias e imaginações, assim como em nosso corpo físico. É nesse contexto que as práticas heterossexuais ganham status de norma, devendo ser seguida compulsoriamente por todas as pessoas (JUNQUEIRA, 2013). Queiramos ou não, gênero e sexualidade são ensinados e aprendidos nas escolas, quer estejam formalmente no currículo e, também, por meio de conversas, imagens, comportamentos esperados e atribuídos etc. Desse modo, sendo a escola um espaço de ensino e aprendizagem, ali aprendemos e ensinamos (e também rompemos, rasgamos, torcemos) a nos comportarmos como homens e mulheres. Há certo consenso de que vivemos em uma sociedade plural, que somos diferentes sob diversos marcadores, no entanto, algumas diferenças tem sido comumente desrespeitadas e desvalorizadas. Advogamos pela valorização das diferentes formas de ser e estar no mundo e acreditamos que a escola é um dos lugares centrais para ensinar sobre o respeito às diversidades e às diferenças que nos constituem e nos enriquecem.

Assim, visando compreender o que estudantes dos cursos de Pedagogia, Pedagogia do Campo e Psicopedagogia (portanto, educadores/as em formação) de uma Instituição de Ensino Superior do nordeste dizem sobre a abordagem dos temas gênero, sexualidade

e diversidade nas escolas, realizamos uma pesquisa, entre agosto de 2017 e julho de 2018. A produção do material empírico se deu a partir da aplicação de um questionário (presencial e virtualmente) com 99 (noventa e nove) estudantes concluintes e pré-concluintes dos respectivos cursos, sendo 80 (oitenta) mulheres e 19 (dezenove) homens. Alguns achados da pesquisa são descritos e explorados a seguir.

## **2. Perspectivas de estudantes de Pedagogia, Pedagogia do Campo e Psicopedagogia sobre gênero, sexualidade e diversidade na escola**

Como já sinalizamos, participaram da pesquisa 99 estudantes dos três cursos, sendo 80 (oitenta) mulheres e 19 (dezenove) homens. Entre os estudantes, 7 (sete) declararam ser gays, (1) uma estudante disse ser lésbica, 2 (dois) se declararam bissexuais e 91 (noventa e um) se definiram como heterossexuais. Em relação à raça/cor, os/as estudantes assim se declararam: 51 (cinquenta e um) pardos/as; 20 (vinte) pretos/as; 24 (vinte e quatro) brancos/as; 3 (três) indígenas e 1 (um/a) amarelo. Definidos os/as participantes da pesquisa passamos a apresentar os dados deste estudo divididos nos três eixos temáticos da pesquisa, a saber: gênero, sexualidade e diversidade. Cabe apontar que as questões aqui apresentadas foram dispostas, no questionário, em forma de múltipla escolha, conforme descrito a seguir. Cabe destacar que os/as estudantes poderiam marcar mais de uma alternativa.

A questão que buscou saber o que os/as estudantes compreendem por gênero apresentava as seguintes possibilidades de resposta: a) é uma construção social dos papéis ditos femininos e masculinos; b) ser homem ou ser mulher; c) ideologia que visa ensinar meninos e meninas a serem gays/lésbicas; d) sinônimo de sexo; e) outro. 75 estudantes assinalaram a primeira resposta, apontando que compreendem gênero como uma construção de papéis sociais; 20 deles/as assinalaram que é ser homem ou ser mulher; Um/a estudante marcou que é uma ideologia e 4 marcaram a opção aberta, "outro", com as seguintes respostas: "identidade com a qual me identifico", "a definição de qual o indivíduo se sente mais confortável para se identificar que pertence" e "imposição da ideologia atual marxista com o objetivo de destruir as instituições, como a família". Apesar de a maioria de nossos sujeitos terem assinalado a resposta que consideramos correta, na medida em que aponta para o conceito de gênero como uma construção social, nos preocupa que alguns não compreendam o conceito, o que pode indicar para o não reconhecimento da importância de atividades que desconstruam posições sociais desiguais entre mulheres e homens. Concordamos com Carvalho e Rabay (2015) que o conceito de gênero é de "difícil compreensão" e por isso apostamos na potencialidade de que tal conceito seja abordado e problematizado nos cursos de formação de educadores e educadoras.

O desconhecimento do conceito de gênero tem refletido em um pânico social em relação à sua abordagem educativa nas escolas. A falta de apropriação do conceito tem servido para reforçar uma perspectiva que associa gênero à uma ideologia. Junqueira (2017) afirma que gênero é um conceito e não uma ideologia e ressalta que existe uma ideologia de gênero, mas não como é veiculada. A ideologia de gênero, segundo o autor, seria a que se posiciona no intuito de perpetuar discriminações com os grupos mais marginalizados, entre os quais, mulheres e minorias sexuais. Diante do exposto, preocupa-nos que os cursos de formação docente possam estar formando pessoas que defendam a "falácia da ideologia de gênero", como sustentam Reis e Eggert (2017). Desse modo, compreende-se que é necessário que sejam desmontadas as imagens e ideias que dividem e separam os modos de "ser homem" e de "ser mulher" culturalmente disseminados no intuito de construir um mundo mais justo e menos desigual para todos/as.

Assim como em gênero, também foi questionado o que os/as estudantes entendem por sexualidade, as respostas apresentadas no questionário foram: 7 estudantes compreendem sexualidade como "sexo"; 49 como "conjunto das condições anatômicas, fisiológicas e psicológicas que caracterizam cada sexo"; 62 como "livre expressão e vivência do desejo afetivo e/ou sexual"; 21 como "atração sexual por alguém do mesmo sexo e/ou do sexo oposto" e 2 estudantes que assinalaram a opção aberta, compreendem sexualidade, respectivamente, como "parte da dimensão humana" e " não tem uma definição única, pode ser biológica, psicológica ou social". Novamente, destacamos que a maioria de nossos/as informantes reconhece que a sexualidade é uma construção social que sinaliza para a expressão do desejo afetivo e sexual (WEEKS, 2001), mas parte importante deles/as têm compreensões mais biológicas e essencializadas de sexualidade, o que nos preocupa, na medida em que pode sinalizar para certa concepção que deslegitima as expressões da sexualidade não-heterossexual.

A terceira questão versava sobre o que os/as estudantes entendiam por diversidade. Para esse item, obtivemos as seguintes respostas: 75 estudantes assinalaram "conjunto de diferenças e valores compartilhados pelos seres humanos na vida social"; 26 marcaram que diversidade é "qualidade daquilo que é diverso, variado" e 39 marcaram que diversidade é o que caracteriza "tudo que é diverso, diferente, e, que tem multiplicidade". Nessa questão, é perceptível que, em alguma medida, todas e todos compreendem (ou ao menos reconhecem) o conceito de diversidade. Diferentemente do que foi demonstrado nas respostas aos conceitos de gênero e sexualidade, parece que diversidade é um tema "mais tolerado" (RODRIGUES & ABRAMOVICZ, 2013), mais fácil de assimilar e reconhecer.

Por fim, perguntamos se os/as estudantes achavam que gênero, sexualidade e diversidade deveriam ser inseridos nos currículos dos cursos de formação de profissionais da Educação. Desta vez, somente uma resposta podia ser assinalada. Para essa questão, obtivemos as seguintes respostas: 85 estudantes assinalaram concordar que todos os temas deveriam ser inseridos nos currículos de seus cursos; 4 estudantes assinalaram que esses temas não devam ser abordados em sua formação; 2 concordam que apenas sexualidade deveria ser inserido nos currículos; e 5 deles/as acham necessário apenas inserir o tema diversidade. Aqui também nos chama atenção o fato de que alguns/as estudantes acharem desnecessário que seus cursos de formação abordem as temáticas deste projeto, o que sinaliza que temos um longo caminho na direção de formar profissionais de educação que estejam minimamente aptos para abordagens educativas das questões de gênero, sexualidade e diversidade nas escolas.

## **3. Considerações Finais**

O recorte dos dados da pesquisa que apresentamos aqui sinalizam que os cursos de formação de profissionais da educação estudados não têm conseguido abordar as questões trabalhadas. Concluímos, ainda, que há falta de conhecimento sobre os temas por parte dos/as discentes quando em suas respostas atribuem a gênero, sexualidade e diversidade significados do senso comum. Acreditamos que a falta de entendimento de alguns/as estudantes pode reforçar preconceitos, estigmas e conservadorismos e naturalizar padrões de desigualdade, ensinados cotidianamente em nossas escolas. Apostamos que abordagem educativa desses temas contribui fortemente para modificar os padrões de desigualdade associados a gênero, sexualidade e diversidade.

Compreendemos, ainda, a abordagem dessas temáticas é indispensável para explicitar para os/as estudantes que o uso, por exemplo, de ideologia de gênero, é algo equivocado e que só contribui para que as desigualdades sejam reproduzidas. A escola é um local em que devemos aprender a viver, conviver e respeitar as diferenças existentes na sociedade. Por isso, é indispensável que as práticas

pedagógicas reconheçam e valorizem as diferentes formas de ser e estar no mundo.

#### Referências:

BRASIL. Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 [recurso eletrônico]: Lei no 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. – (Série Legislação ; n. 125).

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação e a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel and SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Rev. Bras. Educ.** 2003, n.23, pp.36-61. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03>. Acesso em julho de 2018.

CARVALHO, Maria Eulina; RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), v. 23, p. 119-136, 2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Retratos da Escola**, v. 7, p. 481-498, 2013.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. 'Ideologia de gênero': a gênese de uma categoria política reacionária - ou a promoção dos direitos humanos se tornou uma 'ameaça à família natural'?. In: Paula Regina Costa Ribeiro; Joanalira Corpes Magalhães. (Org.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. 1ed. Rio Grande-RS: Editora da FURG, 2017, v. , p. 25-52.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar E. E. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Rev Bras Enferm, Brasília (DF)** 2004 jan/fev;57(1):13-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n1/a03v57n1.pdf>.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **educação & sociedade**, v. 38, p. 9-26, 2017.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino; ABRAMOVICZ, Anete. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 15-30, jan./mar. 2013.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.